



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**NARRATIVAS OUTRAS DE PORTUGAL: MEMÓRIAS E(M) RESPINGOS DE  
UMA ESTUDANTE DO INTERCÂMBIO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**DAPHNE CRISTIN LEWIS DA SILVA**

**RIO DE JANEIRO**

**2016**

NARRATIVAS OUTRAS DE PORTUGAL: MEMÓRIAS E(M) RESPINGOS DE UMA  
ESTUDANTE DO INTERCÂMBIO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação  
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como  
requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

---

Marcio da Costa Berbat (Orientador)  
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro  
Novembro  
2016

NARRATIVAS OUTRAS DE PORTUGAL: MEMÓRIAS E(M) RESPINGOS DE UMA  
ESTUDANTE DO INTERCÂMBIO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DAPHNE CRISTIN LEWIS DA SILVA

Avaliada por:

---

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Sandra Albernaz de Medeiros

Departamento de Fundamentos da Educação – Escola de Educação  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Graziele Gonçalves Fulber

Centro de Investigação em Estudos da Criança – CIEC  
Instituto de Educação – Universidade do Minho  
Escola Babyoga - Portugal



Foto 01 – Alta e Sofia – Universidade de Coimbra, 2016.



Foto 02 – Cidade de Coimbra, 2016.

Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem,  
lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize.

Boaventura de Souza Santos

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, pois eles foram os responsáveis por eu ter realizado o intercâmbio na Universidade de Coimbra (UC), por eu ter entrado para Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e por concluir essa graduação, por eu ser essa pessoa cheia de sonhos e cada dia com mais experiências engrandecedoras.

Dedico esse trabalho também aos professores da UNIRIO e da Universidade de Coimbra (UC) que contribuíram de forma significativa na minha formação, que me orientaram e me fizeram crescer de forma exponencial no âmbito intelectual. Há cinco anos, quando iniciei a graduação, eu era uma pessoa completamente diferente e se hoje me observo criticamente e me vejo mais forte e capacitada para ir atrás dos meus ideais, eu devo aos mestres que me acompanharam nesses últimos anos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, que sempre priorizou o meu estudo e o de meus irmãos. Que a vida inteira nos incentivou a ler, que nos dava prêmios por boas notas semestrais na escola, que escrevia poesias e nos fazia inveja por ser tão talentosa. Que sempre foi um reflexo de sabedoria e inteligência para mim. Minha mãe sempre plantou sonhos e ficava ao lado das plantações com um regador feito de carinho em mãos e toda vez que um sonho meu parecia distante ou inatingível, ela regava com mais amor e conversava com o jardineiro sobre as possíveis formas de salvar cada sonho meu que parecia morrer.

O jardineiro era o meu pai, ele que nunca desistiu de sequer um sonho meu, a cada dificuldade que aparecia, ele encontrava soluções, ele trabalhava mais, ele era incansável em cuidar de todos os sonhos com esmero. Todos os sonhos sempre foram tratados com a mesma importância por ele. Foi através desse zelo e desse amor que eu fui aceita pela Universidade de Coimbra (UC) e meu pai jamais me questionou sobre meus planos ou me privou deles e embarcou nesse sonho junto comigo. Por isso, devo tudo que sou a eles.

Em terceiro lugar gostaria de agradecer aos meus irmãos, familiares e amigos, que buscaram entender sempre meus motivos para não sair de casa e escrever essa monografia. Que nunca ficaram chateados comigo porque furei alguns eventos para estudar ou escrever artigos durante esses cinco anos de graduação, por me apoiarem em tudo e ainda demonstrarem interesse quando queria falar sobre projetos e trabalhos referentes à faculdade.

Também gostaria de agradecer imensamente a Sandra Albernaz por aceitar ler este trabalho e por me incentivar a fazer um intercâmbio desde meu primeiro período na UNIRIO. Lembro-me que toda vez que eu a encontrava nos corredores da universidade ela sempre me perguntava: “Daphne, como vão os planos, já decidiu para onde você vai? Não pensa muito não, vai logo, menina”! Sandra foi maravilhosa em todos os sentidos e eu a agradeço de todo coração por ela acreditar em mim, sempre com uma fé inabalável no futuro de seus alunos. Obrigada!

A professora Grazielle Gonçalves Fulber, por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

Por último, mas não menos importante eu quero agradecer ao melhor orientador do

mundo, Márcio da Costa Berbat, que é uma das pessoas mais especiais que existe na UNIRIO e há quem diga que no mundo inteiro. Mas não sou a única aluna da UNIRIO fã desse grande mestre, até onde sei o Márcio tem milhões de seguidores e adoradores. Obrigada, Márcio, por aceitar me orientar neste trabalho que é tão importante para mim, pois ele marca o encerramento de um ciclo, de uma trajetória muito marcante em minha vida. Obrigada por estar sempre disponível e ter me ajudado em tudo que precisei na graduação, sempre com tempo para ouvir seus alunos e discutir ideias com eles. Obrigada por ser esse grande exemplo para mim e para tantos outros que cruzam o seu caminho. Gratidão!

**DAPHNE CRISTIN LEWIS DA SILVA. NARRATIVAS OUTRAS DE PORTUGAL: MEMÓRIAS E(M) RESPINGOS DE UMA ESTUDANTE DO INTERCÂMBIO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.** Brasil, 2016, 44 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

## **RESUMO**

O trabalho versou sobre a experiência do intercâmbio como elemento potencializador na formação do estudante e no engrandecimento pessoal e social. Foram realizadas algumas comparações entre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade de Coimbra. A indagação central buscou investigar as diferenças sobre o curso de Pedagogia em ambas as Universidades citadas. Os objetivos traçados foram conhecer e fazer relações entre intercultura e os processos formativos através do intercâmbio. Para tal esta monografia mapeará relatos de algumas experiências de estudantes de pedagogia da UNIRIO que participaram do intercâmbio na Universidade de Coimbra. A intenção é compreender as adversidades de estudar em outro país, ampliando o estudo para a esfera particular e acadêmica.

**Palavras-chave:** Intercâmbio; Intercultura; Educação; Aprendizagem.

## ÍNDICE DE SIGLAS

**CRI** – Coordenação de Relações Internacionais

**EFA** – Educação e Formação de Adultos

**SEF** – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

**UC** – Universidade de Coimbra

**UNESCO** – Organizações das Nações Unidas

**UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**UOI** – Unidade de Observação e Intervenção

## ANEXO A

Instrumento de Pesquisa \_\_\_\_\_ 40

## Sumário

<b>Resumo</b>	<b>09</b>
<b>Introdução</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1:</b>	
<b>1.1: Idealizações, Pensamentos e Viagem</b>	<b>15</b>
<b>1.2: Da Utopia à Realização</b>	<b>16</b>
<b>1.3: Os preparativos da Viagem</b>	<b>17</b>
<b>1.4: A chegada em Portugal</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 2:</b>	
<b>2.1: A estrutura da Universidade de Coimbra</b>	<b>21</b>
<b>2.2: O relacionamento entre alunos e professores e entre alunos com alunos</b>	<b>22</b>
<b>2.3: As disciplinas cursadas</b>	<b>24</b>
<b>2.4: Modelos de Avaliação</b>	<b>27</b>
<b>2.5: As principais diferenças entre o curso de Pedagogia em Coimbra e na UNIRIO</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo 3:</b>	
<b>3.1: Relações com o Intercâmbio</b>	<b>33</b>
<b>3.2: As percepções de Leonardo</b>	<b>34</b>
<b>3.3: O olhar de Luiza Bouzon</b>	<b>36</b>
<b>3.4: Dialogando com as entrevistas</b>	<b>37</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>40</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>42</b>
<b>Anexo A</b>	<b>43</b>

## Introdução

O termo intercâmbio é novo e significa troca. A troca pode ser cultural, troca de idiomas, experiências de vida, comercial, dentre outras. Atualmente o intercâmbio tem ganhado muitos adeptos com os avanços da tecnologia e a aproximação de pessoas, fatores tem resultado em uma mobilidade regional mais eficiente.

Nos dias de hoje, o intercâmbio é muito usado para estudos e/ou trabalho, há aqueles que querem vivenciar um novo idioma, outros que querem fazer novas amizades, os que querem ter uma experiência acadêmica em outro país e os que vão a trabalho. Seja por longo ou curto período de tempo, o intercâmbio está cada dia mais presente em nossos pensamentos.

A experiência de morar em outro país também se tornou um “upgrade” no currículo, ter um segundo idioma ou ter tido uma vivência que a maioria das pessoas não possui pode tornar um indivíduo mais qualificado que outro que não viveu essas experiências. Aqueles que possuem mais instrução, vivência e mais diplomas terão mais chances no mercado de trabalho.

Nessa pesquisa será discutida a relevância do intercâmbio cultural na vida do estudante, as aflições, os obstáculos, as conquistas e o dia a dia na Universidade de Coimbra. Serão apresentadas algumas divergências entre o curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e na Universidade de Coimbra (UC), trazendo aspectos afetivos, sociais, estruturais e acadêmicos.

Os objetivos desta investigação são conhecer e analisar a minha própria experiência e dos outros dois estudantes entrevistados com o intercâmbio, todos na Universidade de Coimbra. Faz-se necessário um aprofundamento a cerca de como essa experiência atua e potencializa ou não, a formação acadêmica desses estudantes.

Esta monografia será narrativa, pois temo esquecer as sensações que o intercâmbio me proporcionou. Hoje me vejo esquecendo detalhes, daqui a 20 anos, talvez muitos outros momentos que não ouse deixar de registrar. Escrever para mim é um exercício de existencialidade, de busca da identidade, da revivência dos aprendizados, da riqueza do que vivi.

De acordo com Marie-Chistine Josso (2007):

Ainda que a abordagem biográfica desenvolvida em situações educativas não tenha como prioridade a construção da identidade, as modalidades e objetivos de nossas pesquisas, baseadas no trabalho biográfico (construção da história escrita, Co-análise e Co-interpretação em situação de grupo), essa abordagem centrada na compreensão dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem, enfoca, de certa forma, a questão da identidade. Ousaríamos dizer que tal enfoque se faz a partir do interior, com pertinência ainda maior, porque abraça a globalidade da pessoa na articulação das dinâmicas psico-socioculturais, ao longo de sua vida. A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (JOSSO, 2007, p.419).

Dessa forma, a narrativa se torna essencial na minha pesquisa, nas descobertas e encontros que farei no caminho da escrita, nos entrelaçados de histórias e na busca pelo registro da minha formação.

O trabalho será dividido em três partes: no primeiro capítulo exponho a minha trajetória como estudante da UNIRIO até a escolha por Coimbra, pela cidade e universidade. Nesse capítulo detalho minhas aflições em ir morar em outro país, o que me levou a ir morar em Portugal e quais foram minhas impressões imediatas sobre a cidade e a universidade.

No segundo capítulo disserto sobre algumas diferenças entre o curso de Pedagogia na UNIRIO e em Coimbra, no qual relato minha experiência com os professores da Universidade de Coimbra, sobre minha grade curricular, meu contato com os alunos portugueses, minhas percepções sobre estudar em Coimbra.

O terceiro capítulo é composto pelas entrevistas com os alunos de Pedagogia da UNIRIO que também fizeram intercâmbio em Coimbra. Esse capítulo é muito especial, pois é colocado o olhar, as vivências, as constatações de ambos os estudantes, onde os dados da pesquisa se encontram e dialogam em conjunto.

E finalmente as conclusões, na qual ponderarei algumas considerações acerca da temática, baseado nas análises feitas.

## Capítulo 1

### 1.1 – Idealizações, Pensamentos e Viagem

Era uma vez em Coimbra... Com certeza essa não é a melhor forma de iniciar essa dissertação, pois o início da minha trajetória não foi nenhum conto de fadas da Disney. É inegável que quando todos nos veem na Europa, estudando em uma Universidade renomada, a tendência é que se pense que estamos ricos ou que simplesmente tiramos a sorte grande. De fato, não posso negar que minha estrela brilhe, porém, juro que tento ficar o mais perto possível do sol.

Desde pequena, quando iniciei meus estudos geográficos e aprendi a respeito de continentes, distâncias e mares, meu norte apontou para o universo. Despertou-se em mim a vontade de conhecer outros lugares, culturas, pessoas, pode parecer clichê, mas o sentimento de cruzar o oceano sempre foi muito autêntico dentro de mim. A vontade de estar e sentir outro espaço eram algo que nenhuma revista de guia de viagens, curiosidades sobre lugares exóticos ou falas exibidas de quem já esteve perambulando pelo mundo poderiam me preencher.

O fato era que eu precisava vivenciar todas as sensações que meu inconsciente emanava e isso não poderia ser através de opiniões de terceiros. Quando eu entrei na graduação em licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), comecei a acreditar que meus planos de viajar poderiam se concretizar por meio de um intercâmbio. A Diretora da Escola de Educação, professora Sandra Albernaz, foi a primeira a quem confidenciei sobre meus projetos de estudar em outro país. Na verdade, o estudo foi o aliado perfeito nesse processo, porque o meu sonho sempre foi apenas conhecer outros países e eu aprendi durante o percurso que morar é a forma mais íntima do verbo conhecer.

Aos 17 anos, foi a primeira vez que embarquei na aventura de sair do Brasil, passei 20 dias em Orlando nos Estados Unidos. Quando retornei, sabia que não tardaria para eu arrumar alguma forma de sentir novamente a sensação libertadora de viajar. A vontade de visitar a Europa efervescia em mim, mas viajar por viajar não era uma questão financeiramente viável nos meus 20 anos de idade.

## 1.2 – Da Utopia à Realização

Quando eu estava no meu segundo período de licenciatura em pedagogia, fiz algumas pesquisas e decidi que estudaria em Salamanca, na Espanha. Tentei diversas vezes iniciar um curso de espanhol aos sábados, mas todas as tentativas fracassaram. Foi quando no meu quinto período, a Sandra perguntou-me novamente sobre meu projeto de intercâmbio e eu respondi a ela que não estava conseguindo tempo para estudar espanhol aos sábados. Foi quando ela teve um insight e me disse: “Daphne, você não pensa em estudar em Portugal?” E uma luz clareou todas as lentes que se embaçavam em minha mente.

Foi justamente a pergunta despreziosa da Sandra que me levou a Coimbra. Naquela tarde eu retornei para casa e pesquisei todas as Universidades de Portugal que tinham convênio com a UNIRIO, pesquisei uma por uma, incluindo informações referentes à qualidade de vida e custo mensal. Mas desde que olhei os retratos e li sobre a Universidade de Coimbra (UC), o meu coração não tinha mais dúvidas que tinha encontrado o seu lugar.

No fim do quinto período, iniciei a saga das documentações para me candidatar à Coimbra, como eu já havia perdido o prazo de todos os programas que ofertavam bolsa de intercâmbio, conversei com os meus pais e eles deram o aval para que eu desse seguimento ao meu projeto. Fiz alguns cálculos de conversão da nossa moeda para o euro e comprovei que mesmo vivendo em Portugal, o dinheiro que recebia mensalmente daria para me manter em Coimbra, visto que absolutamente tudo é muito mais barato do que no Rio de Janeiro.

O meu sexto período na UNIRIO foi voltado para a correria dos papéis, afinal de contas, não é tão simples se candidatar a outra universidade. Inicialmente, se faz necessário que se estude as grades de ambas as universidades e faça um plano de estudos que se pretende cursar durante o período de intercâmbio. A equipe de Coordenação de Relações Internacionais (CRI) da UNIRIO me orientou de todas as formas possíveis, desde o direcionamento dos documentos até o preenchimento de dados online no site da Universidade de Coimbra (UC).

No fim do sexto Período, em outubro de 2014, eu recebi o e-mail da Universidade de Coimbra constando minha aceitação como futura aluna do curso de graduação (licenciatura) em Ciências da Educação. Mensurar a felicidade que senti lendo aquele e-

mail seria impossível, a alegria e orgulho de mim mesma jorrava em lágrimas, gritos, sorrisos, pulos, foi um momento de euforia indescritível. Assim que eu recebi a notícia, eu telefonei para o meu pai, ele não se convenceu de imediato ou simplesmente não conseguiu absorver a notícia. Lembro que ele disse algo do gênero: “Que ótimo filha!” Apenas. Foi quando eu resolvi enviar o e-mail do aceite para ele para registrar efetivamente o acontecimento. Minutos depois ele me telefonou, dessa vez com a voz um pouco embargada e com uma emoção que se percebia no tom de sua voz.

Para a minha mãe, eu resolvi que daria a notícia ao vivo, esperei ansiosamente ela retornar do trabalho para conversarmos. Mas ela já sabia e eu não precisei dizer sequer uma palavra, acho que os meus olhos brilhavam como fogos de artifício e nenhuma outra expressão poderia traduzir o turbilhão de emoções que foi despertado em mim e minha mãe soube no momento que me viu.

E foi quando o meu aceite chegou que eu percebi que ele não era só meu, ele era dos meus pais também. Era como se a Universidade de Coimbra sorrisse para eles e dissesse: Parabéns! Meus pais sempre deram tudo que tinham em prol da minha educação, a minha mãe sempre cuidou que eu estudasse na melhor escola que o nosso orçamento pudesse pagar e o meu pai trabalhava incansavelmente para que as finanças cobrissem os gastos da família.

Dessa forma, eu cresci dando valor ao trabalho, ao dinheiro e principalmente ao esforço. Dedicando-me a minha formação e renovando planos, meus pais me ensinaram a ter uma vida de sonhos, pois são os sonhos que te impulsionam a buscar o que parece em alguns momentos inatingíveis. Então, eu comecei a sonhar, um sonho muito preciso, mas sem forma exata. Era fácil visualizar quimeras de uma jovem sonhadora, mas era difícil encontrar o caminho.

### **1.3 – Os preparativos da Viagem**

Após o recebimento da carta oficial em minha casa, estava convictos que os próximos passos seriam definitivos e concretos. Chegara o momento de providenciar o visto e comprar a passagem, uma das etapas mais importantes da viagem. O Consulado Português é extremamente burocrático e ambicioso, pois o máximo de permanência que o visto permite é de 120 dias, ou seja, quatro meses. Obrigando a nós estudantes, a

prorrogarmos o visto de permanência em Portugal e pagarmos novamente pela protelação do tempo de estadia.

Em relação às companhias aéreas, muitas delas fornecem desconto no preço da passagem para alunos intercambistas, é preciso apenas apresentar a carta de aceite da Universidade. Minha viagem foi marcada para o dia 25 de Janeiro de 2015, a sensação de comprar minha primeira passagem para a Europa me causou borboletas no estômago. Mas à medida que os dias eram abruptamente sucumbidos, eu ficava mais nervosa e desconsolável.

Viajar para turismo é totalmente diferente do que ir morar fora em outro país, em outro continente. Lembro-me com carinho dos meus 17 aninhos indo toda serelepe para Orlando, estava empolgadíssima, me despedi dos meus pais no aeroporto com aquele sorriso de causar inveja a qualquer um e com um olhar que parecia mais uma constelação inteira. Não foi o caso dessa vez, eu estava amarga, deprimida, triste.

Guardava para mim o fardo desse sentimento melancólico, não era um aspecto do qual me orgulhava, afinal, que motivos tinham eu para estar nesse estado de espírito? Na minha última semana no Brasil, eu era só apego e saudade, eu nem havia partido, mas tudo me fazia falta. Era desesperador sentir que todo o meu referencial iria se perder, quando eu partisse eu teria que recomeçar do zero. Deixar minha família, casa, amigos e a UNIRIO, não foi nem um pouco simples, foi um até breve doloroso.

Eu estava saindo da minha zona de conforto, onde tinha pessoas que me amavam e me aceitavam do jeito que eu era, para morar em um país distante, o qual conhecia apenas por fotos e leituras. Múltiplos pensamentos me consumiam nos dias que antecipavam minha viagem, mas uma coisa era certa, eu não estava feliz como eu sonhava que estaria.

No tão esperado dia do meu embarque, eu passei o dia agarrada a minha mãe fazendo-a prometer que não me esqueceria. Hoje eu percebo o quão boba eu era e tenho crise de risos só de relembrar a situação. Quando cheguei ao aeroporto no início da noite acompanhada por meus pais, eu era pura aflição e medo e no momento da despedida, eu era uma cachoeira de emoções. Minha mãe sorria, segurando o sentimento e meu pai rapidamente colocou os óculos escuros para não demonstrar seus olhos umedecidos. Eu entendi o que eles estavam fazendo, mais uma vez me dando forças para seguir em frente e eu segui sem olhar para trás.

## 1.4 – A chegada em Portugal

A minha sorte é que eu não estava sozinha, Luiza Bouzon, também aluna de licenciatura em pedagogia da UNIRIO estava indo estudar em Coimbra no mesmo semestre que eu e como diria os portugueses, “calhou” de irmos juntas. Acho que se não fosse pela Luiza, eu teria me debulhado em lágrimas durante o voo todo, mas fomos conversando durante a viagem, contando nossas vidas e transmitindo muita paz e força uma para outra. Estar com alguém conhecido era um fator de alívio para o meu coração.

Desembarcamos na Europa por Madrid, em seguida uma conexão para Porto e de lá para Coimbra. Não nego que chegar a Coimbra foi realmente uma saga, primeiro porque eu e Luiza não entendíamos praticamente nada do que os portugueses falavam, o sotaque lusitano é muito trincado e fechado, não parecia de forma alguma que estávamos nos comunicando no mesmo idioma. Segundo, em Porto, esperamos muitas horas para pegar um ônibus que fosse para Coimbra. Além disso, fazia muito frio, afinal, janeiro é inverno na Europa e eu nunca havia experimentado aquela temperatura antes.

Após mais de 24 horas depois de termos saído do Brasil, finalmente chegamos a Coimbra. Pode parecer um pouco perturbador o que contarei, o fato é que assim que chegamos à cidade, por volta da meia-noite, pegamos um táxi e fomos direto para a casa da Leidiane, uma jovem estudante paulista que eu havia conhecido na internet, em um dos grupos de brasileiros em Portugal dos quais eu participava.

Para muitas pessoas, talvez fosse inconcebível estar em um país estranho e ainda por cima ir direto para casa de uma desconhecida. Mas asseguro que essa escolha não poderia ter sido melhor, a Leidiane, por ser aluna de administração da Universidade de Coimbra, levou a mim e a Luiza para resolvermos todas as questões burocráticas junto a Universidade e ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), além do tour pela cidade. A Leidiane foi um anjo em nossas vidas, até nos ajudar a encontrar um lugar definitivo para nós morarmos ela ajudou.

Uma semana após termos chegado a Coimbra, eu e Luiza estávamos nos mudando para um apartamento, onde moraríamos com outras três pessoas. Confesso que já estava muito apegada a Leidiane, e me conforta saber que nossa amizade perdurou até o fim do meu intercâmbio. Em nosso novo lar havia muita colaboração e afeto, morávamos eu, Luiza, uma baiana, um maranhense e uma italiana. Não faltava café e amor.

Em Coimbra fiz mais do que amizades, eu constitui uma família, cultivei amores. Quando não estamos com nossa família de sangue, criamos laços mais fortes com nossos amigos, as relações são mais intensas e íntimas. Nossos amigos tornam-se nossos pais, mães e irmãos, um sentimento que demoraria anos para ser cultivado, se cria em semanas e é irresistível não se entregar.

Em Portugal, tudo acontecia como festa e tudo parecia ser um bom motivo para se reunir com uma pausa para um pastel de nata, um capuchino, um vinho, uma ginja, uma música, um poema, uma flor. Tempo não faltava e como sabíamos aproveitá-lo com ternura e frescor.

## Capítulo 2

### 2.1 – A estrutura da Universidade de Coimbra

A primeira vez que entrei na faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, me encantei profundamente. A estrutura do edifício era estonteantemente clássica, bela, ampla, organizada, limpa e com um jardim acolhedor centralizado no meio do prédio, no coração do campus. Fiquei boquiaberta com o esplendor daquele lugar, notava-se uma preocupação com a aparência do ambiente e com o acolhimento que o mesmo deveria transmitir.

As salas de aula eram muito espaçosas e bem iluminadas, as carteiras enfileiradas impecavelmente, notando de imediato que a famosa “rodinha” de debates não era comum. Todas as tecnologias utilitárias também se faziam presentes, como um computador fixo e com internet, um projetor e um quadro especial para as projeções, além do quadro tradicional para anotações relevantes.



Foto 03 – Fachada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2016.

Além da estrutura física, os alunos tinham acesso a uma ferramenta muito aliada a vida acadêmica: o InforEstudante. Através desse portal, os alunos além de se matricularem nas disciplinas, recebiam em média noventa por cento dos textos que deveriam ser lidos para os exames (provas), inclusive todos os slides que os professores preparavam para as aulas, o que de fato proporcionava maior conforto aos estudos, pois nos slides continham os dados mais importantes da disciplina e que eram mais prováveis de serem cobrados nas

avaliações. Eu e todos os meus amigos brasileiros amávamos esse acesso simples e cômodo aos textos, acredito que na UNIRIO essa forma de compartilhamento do material virtual também faria muito sucesso e seria de grande valia.

Havia também uma biblioteca fabulosa no campus que era muito utilizada pelos alunos, visto que a mesma arquivava livros que não se encontravam com frequência nas livrarias e faziam parte das leituras obrigatórias das disciplinas. A cópia (xerox) também era muito organizada e eficiente, além do baixo custo, se me recordo bem, eram três cêntimos (centavos) as cópias. Fato que tornou a minha vida “lusitana” muito mais acessível. Também tínhamos um café, muito frequentado pelos estudantes, afinal, para os portugueses qualquer motivo era perfeito para se tomar um cafezinho.

## **2.2 – O relacionamento entre alunos e professores e entre alunos com alunos**

Nas primeiras aulas pude perceber que não seria nada fácil estudar em Coimbra. Não apenas pelo fato dos professores serem muito exigentes, mas também por ser tão diferente da minha amada UNIRIO. Não havia integração entre alunos e professores e para enfatizar essa distância havia um platô em todas as salas. Os professores além de estarem distantes dos discentes na organização das carteiras, eles ficavam em um pavimento mais alto na sala de aula.

Esse platô simbolizava superioridade, opressão e distanciamento. Os professores pareciam fazer questão desse afastamento, alguns aparentavam gostar do clima de tensão e da supremacia que reinava. No início das aulas pensava que minha falta de abertura com os professores se dava por minha nacionalidade brasileira, no segundo momento, os professores vinham até mim justamente por eu ser brasileira, em um terceiro momento os professores se esforçavam para gravar meu nome por eu ser brasileira e muito falante, afinal, eu vinha de uma faculdade que me ensinou a debater ideias, a recriar conceitos, a bater de frente com as injustiças, a nunca me calar e a refletir em conjunto.

O fato de eu ser brasileira, no fim das contas me beneficiou muito, pois os professores acabavam me dando alguma atenção por esse motivo e permitiam que eu fizesse todos os meus trabalhos, artigos e apresentações baseados no meu país de origem, visto que era mais práticos e confortáveis para mim e por eu poder trazer dados

desconhecidos aos demais alunos da classe, o que era considerado como um diferencial positivo.

Em todas as turmas que frequentei havia brasileiros e evidentemente nos juntávamos para fazer todos os trabalhos que eram passados em grupo. Em nenhum momento queríamos nos segregar e nos distanciar dos demais componentes da turma, o caso era que os portugueses não nos aceitavam por algumas questões. A hostilidade não era apenas com os brasileiros, os portugueses também não se relacionavam bem com as outras nacionalidades, ao passo que espanhóis e italianos simpatizavam conosco de imediato.

Uma das razões que levavam os portugueses a manterem distância de nós brasileiros devia-se ao fato deles acreditarem em sua superioridade, de alguma forma se consideravam melhores que nós, visto que são um povo muito preconceituoso, e o pior de tudo, em minha opinião, era por desconfiarem de nossa inteligência e que possivelmente não daríamos conta da disciplina. Por teimosia, tirávamos notas melhores do que a dos portugueses, porque o desafio era grande demais para atravessarmos o continente com ele.

Analisando com mais atenção hoje, creio que os portugueses se consideravam melhores do que os brasileiros pelo déficit de conhecimentos culturais a respeito de nós. Acredito que as poucas informações que chegavam a eles eram negativas e também não faziam questão de construir uma opinião mais realista por si próprio.

Afinal, os portugueses ainda possuem uma visão bastante reducionista de cultura, levando em consideração detalhes insuficientes de nós, como se cultura fosse unicamente as expressões artísticas, literárias e intelectuais, mas que na verdade abrange algo muito maior, pois perpassa “uma perspectiva mais ampla, na qual se entende cultura como o estruturante profundo do cotidiano de todo grupo social”, para Candau (2002):

Cultura pode então ser entendida como tudo aquilo que é produzido pelo ser humano. Assim sendo, toda pessoa humana é produtora de cultura. Não é apenas um privilégio de certos grupos sociais nem pode ser apenas atribuída à escolarização formal. A cultura é um fenômeno plural, multiforme, heterogêneo, dinâmico. Envolve criação e recriação, é atividade, ação. É considerado também como um sistema de símbolos que fornece as indicações e contornos de grupos sociais e sociedades específicas. Podemos, então, entendê-la como código, como sistema de comunicação, e não mais um repositório estático de hábitos e costumes, ou uma coleção de objetos e tradições, mas o próprio elemento através do qual a vida social se processa (CANDAUI, 2002, p. 72).

Analisar um sistema cultural para Candau (2002, p. 73) “envolve o esforço de despir-se da tendência etnocêntrica, tentado interpretar cada cultura segundo seus próprios sistemas de relação”. Cada cultura é vivida de acordo com o modo que é visto pelas pessoas que a vivem, tendo a sua cultura como a natural e correta fortalecendo a visão etnocêntrica.

A visão dos portugueses era demasiadamente egocêntrica e falta-lhes também interesse em se abrir a novas possibilidades culturais, aprender talvez que se relacionar com a diversidade também significa evoluir e que nem tudo que nos é “estranho” é inferior, tendo em vista o quanto de hábitos que adquiri por uma questão de amor e pela minha ampliação cultural vivendo na sociedade portuguesa.

### **2.3 – As disciplinas cursadas**

Em Coimbra cursei quatro disciplinas, três da graduação e uma do mestrado. As disciplinas da graduação foram: EFA (Educação e Formação de Adultos), Educação Social e Psicopedagogia das Aprendizagens Escolares, a do mestrado: Pobreza, Exclusão e Necessidades Educativas Especiais.

Senti grande diferença na forma como as aulas eram conduzidas na Universidade de Coimbra e como são na UNIRIO. Para iniciar, em Coimbra, não havia debate nas aulas, muito menos diálogo de ideias e ideologias, os professores não se importavam com as nossas vivências, esse não era um assunto pertinente a ser falado em aula. Com exceção da disciplina do mestrado, todas as demais que cursei eram dessa forma. Paulo Freire era muito citado nas aulas, mas a conduta dos professores (da Universidade) não perpassavam as ideologias do renomado educador brasileiro.

Os professores davam aula com Power point, todos caprichavam muito na feitura dos mesmos. Havia slide suficiente para preencher todo o tempo da aula como se fosse propositalmente programado para evitar que sobrasse algum momento no qual pudéssemos debater ideias a respeito do que fora transmitido. Nunca sabíamos o texto/assunto que seria tratado nas aulas, os conteúdos eram imprevisíveis, para que não tivéssemos a oportunidade de estudarmos com antecedência e discutíssemos o conteúdo em sala. Tudo parecia ser pensado de forma esquematizada para que somente o professor tivesse voz e representasse o soberano do conhecimento.

Pode parecer um pouco dramático o meu relato, mas era exatamente da forma como eu me sentia. As aulas não eram nenhum um pouco didático, os professores explicavam infinitos slides, liam dezenas de citações e passavam alguns exercícios para a nota. Falavam conosco apenas para tirar alguma dúvida, que no meu caso eram sempre muitas. Em muitos momentos senti falta da didática e do ato pedagógico muito difundido na UNIRIO, onde os professores valorizam o debate, o raciocínio e a construção do pensamento em coletivo.

Em Coimbra também tínhamos que saber identificar, descrever e argumentar criticamente, as principais características da sociedade atual, a nível científico e tecnológico, social, político, econômico, demográfico e cultural. Em todos os exames eram pedidos esses níveis de conhecimento.

Na disciplina de Educação e Formação de Adultos, mergulhei no longo passado e a curta história da Educação de Adultos no mundo; a Educação de Adultos no pós II Guerra Mundial: Papel e Conferências das Organizações das Nações Unidas (UNESCO) e de outras organizações e; a Educação de Adultos em Portugal. A quantidade de fatos históricos que tive que ler foi exorbitante e o lado prático da disciplina se tornou teórico, pois debatemos pouco em como trabalhar com a formação de adultos em Portugal e o pouco que falamos sobre o assunto era muito distante da realidade brasileira.

Em Psicopedagogia das Aprendizagens Escolares, me surpreendi com a disciplina, pois acessei muitos conceitos sobre alfabetização de crianças e as falhas na aprendizagem na escrita e leitura durante esse processo. Assimilei e refleti sobre como funciona a psicologia do aprender e a pedagogia do ensinar. Logo, essa disciplina além de expandir meus conhecimentos didáticos e pedagógicos, me fez analisar muitos processos cognitivos envolvidos nas aprendizagens escolares da leitura, escrita, composição de textos, matemática, ciências e ciências sociais, bem como os fatores facilitadores da aquisição dos conhecimentos que lhes são específicos.

Uma atenção especial foi dada aos métodos e às estratégias psicopedagógicas que se têm revelado mais eficazes na promoção destas aprendizagens, como saber como desenvolver estratégias de apoio às diferentes aprendizagens escolares.

Educação Social foi uma das matérias em que explorei muitos elementos relevantes para a minha formação. Tivemos palestras maravilhosas no horário das aulas, como, por exemplo, alunos palestrantes do mestrado que trabalharam em São Tomé e Príncipe

(África) relatando seu trabalho Social e suas estratégias educativas sociais por lá, além de documentários e filmes altamente questionadores. Aprendi nas aulas a reconhecer em diferentes contextos o carácter educativo do social e, complementarmente, a dimensão social da educação. Conhecer os agentes, os destinatários, os âmbitos, as temáticas e as modalidades de intervenção socioeducativa. Compreender os pressupostos pedagógicos, psicológicos e sociológicos que estão na base dos processos de intervenção socioeducativa e identificar os factores de vulnerabilidade, risco, conflito, marginalização, exclusão e discriminação que dificultam a socialização e a inserção social de sujeitos e coletivos.

De todas as disciplinas, a que mais me motivou foi a de mestrado: Pobreza, Exclusão e Necessidades Educativas Especiais. Acredito que a minha afinidade com a professora Sônia tenha me feito uma estudante assídua e muito compenetrada até no inverno rigoroso de fevereiro.

O primeiro dia de aula da Sônia foi inesquecível, ela passou um documentário que envolvia atrocidades históricas provocadas por Hitler e outros líderes cruéis, além de imagens fortes dos campos de concentração, curtas sobre o nazismo, vídeos a respeito do funcionamento das câmeras de gás, dados trágicos do genocídio, materiais realmente muito perturbadores e nos contou sobre suas visitas a todos os campos de concentração por onde visitou em suas viagens pela Europa.

Em seguida ela se pronuncia: “Vamos trabalhar com o trágico, com a miséria, com a burrice, realidades e elementos que educador nenhum imaginou trabalhar quando se formasse, mas se você não está preparado para lidar com o feio, o sujo, o oprimido, o torturado, o alienado e tantos outros que você despreza, vocês estão liberados das minhas aulas, apareça apenas no dia do exame final”.

Na aula seguinte, a turma se reduziu a metade, portugueses tolos, eu nunca havia admirado tanto uma professora como a Sônia. Ela era crítica, humana, inteligentíssima, gostava de debater ideias, de nos mostrar sutilmente a imaturidade dos nossos pensamentos, ela me fez crescer e me confrontar a cada aula e eu voltava para casa alucinada com tudo que ela me fazia pensar, questões que eu nunca havia refletido antes. Eu simplesmente poderia passar a vida ouvindo os raciocínios daquela mulher. Sônia me ensinou a intervir no mundo com sabedoria e não apenas com o coração.

## 2.4 – Modelos de Avaliação

A Universidade de Coimbra é extremamente tradicional, quando me refiro a tradição, englobo muitos aspectos. Primeiramente, em Coimbra especificamente, os alunos usam o traje Acadêmico estudantil, identificativo do estudante português, designa-se formalmente por "Traje Nacional" ou, ainda, na gíria acadêmica/estudantil, por "Capa e Batina". A "capa e batina" constituem-se como o uniforme que, a nível nacional e internacional, identifica inequivocamente o estudante de Portugal, embora existam outros trajes, mas expressivos apenas de realidades locais.

Em Coimbra, utilizar o traje é uma questão de honra, os estudantes portugueses não passam pela graduação sem obter o traje. No Doutorado é ainda mais comum avistarmos os doutorandos descendo e subindo as escadarias da Sé Velha orgulhosos de seu traje, no inverno é ainda mais comum o uso do mesmo. O ar de Coimbra parece exalar ainda mais tradição nessa época fria do ano.

Nas salas de aula não seria diferente, os professores tratam a todos muito bem, mas com certa distância e frieza no trato, tendo o cuidado de deixar claro que não deve existir amizade entre docentes e discentes. O respeito é o elo entre “as classes” e só ele deve existir, nenhuma outra relação parece ser possível.

As avaliações são puramente técnicas, muito diferentes da UNIRIO, tínhamos muitas avaliações por disciplina e era obrigatório que tivéssemos pelo menos uma prova em cada uma delas. Todas as disciplinas cobravam no mínimo um trabalho escrito e uma apresentação em formato de seminário, eram realmente muitas atividades e não havia nenhuma flexibilidade com prazos, o trabalho não sendo entregue na data estipulada, era descontado de alto valor de pontuação ou simplesmente não era mais aceito. Na Universidade de Coimbra (UC) não havia nenhuma possibilidade de diálogo em relação a isso.

A primeira vez que fiz uma prova fiquei abismada. Todos os alunos esperavam do lado de fora da sala, à porta estava trancada, o que nunca tinha ocorrido antes. Havia uma lista na porta da sala com os nomes dos alunos que fariam a prova naquela sala e outra lista com os nomes dos alunos que iriam para outra sala. A turma era dividida para que os alunos não ficassem próximos um dos outros durante a aplicação da prova. À medida que a professora chamava aluno por aluno, os mesmos colocavam todo material na entrada da

sala e se sentavam apenas com a caneta, o lápis e um apagador em mãos, nem estojos eram permitidos.

Em seguida, a professora designava onde cada aluno sentaria. As folhas para rascunho também eram dadas pela professora. Havia tempo para a feitura da prova, nenhum segundo a mais, o cálculo do tempo para cada questão era imprescindível.

Quando a prova chegara a minhas mãos, não pude crer na quantidade de questões objetivas e relacionadas a datas específicas, uma completa festa da “decoreba”. Até aquele momento, eu nunca havia pensado que teria que decorar tantas informações inúteis a meu ver para conseguir uma boa nota. Mas se eu quisesse me sair bem nos exames, àquela situação já teria sido o sinal. As questões discursivas eram muito diretas, não davam margem e nem quantidade de linhas para discorrermos sobre o conteúdo ou escrever a respeito de nossas reflexões referentes à pergunta. Se existia algo que definitivamente não era pedido nos exames era a nossa opinião, pois ficava nítido nas perguntas e na forma como eram conduzidas as nossas avaliações.

Nos seminários, os professores cortavam qualquer “achismo” da nossa parte, eles queriam dados concretos, muitos dados, quantos mais números e informações concretas melhor. Em muitas ocasiões também era pedido que realizássemos alguma observação em campo para enriquecer os trabalhos escritos e seminários. No meu caso, todos os professores permitiam que eu escrevesse sobre a realidade do Brasil e trouxesse curtas, entrevistas, dados, gráficos, fotos, todo o material possível que pudesse embasar e comprovar a pesquisa que havia realizado.

Para mim era ótimo, pois já estudava sobre Portugal o suficiente para os exames e considerava justo e decente da parte do corpo docente autorizar a feitura dos meus trabalhos e apresentações sobre o meu país de origem. Os professores pareciam gostar muito dos outros olhares sobre a educação e realidades que eu costumava levar para a sala de aula. Embora exista grande discrepância em termos educacionais entre Brasil e Portugal, foi muito importante para mim, como futura pedagoga, entender esse abismo, viver outra realidade e aproveitar dela o que há de melhor – a pedagogia intercultural.

A pedagogia intercultural trata justamente de esse olhar ao “estranhamento” deslocando-se do conhecido para o desconhecido e não se anulando a si mesmo, mas, reconhecendo no outro suas características específicas que o torna diferente. Para Fleuri

(2003):

A educação intercultural se preocupa com as relações entre seres humanos culturalmente diferentes uns dos outros. Não apenas na busca de apreender o caráter de várias culturas, mas, sobretudo na busca de compreender os sentidos que suas ações assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais e na disponibilidade de se deixar interpelar pelos sentidos de tais ações e pelos significados constituídos por tais contextos (FLEURI, 2003, p.17).

Fleuri (2002) traz algumas diferenças entre a perspectiva multicultural e intercultural de educação, para ele ambos se referem a processos históricos de interação entre diferentes culturas, a distinção está em como cada uma concebe essas diferenças culturais.

Nesse sentido, brasileiros e portugueses interagiam com muito respeito nas apresentações dos seminários. Aproveitando os conhecimentos e experiências de ambas as partes, alimentando a curiosidade pela novidade trazida e nutrindo a alma de riquezas trazidas de olhares perspicazes que não estão disponíveis em todos os continentes. E nesses momentos, o preconceito por partes dos alunos portugueses perdiam o sentido, eles percebiam que não somos um povo inferior, somos apenas sujeitos com particularidades culturais distintas.

## **2.5 – As principais diferenças entre o curso de Pedagogia em Coimbra e na UNIRIO**

Quando penso no ensino na Universidade de Coimbra e UNIRIO, vejo um mundo de diferenças que as separa. Começando pela duração do curso, em Coimbra o estudante português tem seu diploma em três anos de graduação, enquanto na UNIRIO nos tornamos pedagogos após quatro anos e meios de formação.

Este fenômeno concebe-se pelo fato de que o aluno português após concluir a licenciatura em Ciências da Educação (1º ciclo) é qualificado com um conhecimento prático, metodológico e teórico que lhes permita ter uma intervenção educativa eficaz e habilita-os com as seguintes competências específicas:

- Compreensão e conceptualização dos fenômenos educativos
- Observação, análise e investigação da realidade educativa
- Planificação, organização e avaliação educacional

- Inovação e concepção de metodologias e recursos educativos
- Acompanhamento e orientação educativa e formativa

O Diploma de Licenciatura em Ciências da Educação (1º ciclo) confere habilitação para prosseguimento de estudos no Mestrado em Ciências da Educação (2º ciclo), com duração de dois anos. No qual o aluno escolherá a modalidade de sua preferência para se profissionalizar e assim se tornar professor e ministrar aulas. Fato que não ocorre na UNIRIO, pois saímos da graduação profissionalizada e apta a exercer o cargo de docente.

Na Universidade de Coimbra o curso é ministrado a tempo integral ou parcial, em regime presencial e horário diurno. É necessário que o estudante tenha total disponibilidade para frequentar as aulas a qualquer horário do dia. Fenômeno esse muito distante dos alunos da UNIRIO, pois a maioria trabalha ou estagia em um horário fixo do dia e não poderia de forma alguma se manter no curso nesse esquema de aulas com diferentes horários.

Também me chamou muita atenção em Coimbra foi o fato de podermos decidir se queremos fazer algumas disciplinas a distância ou presenciais. Considerei tal liberdade um ponto muito positivo da Universidade, não existe um número máximo de disciplinas à distância por curso e não há nenhum aspecto negativo em relação a isso, pois muitos portugueses optam pela distância. Quando optam pelas presenciais, os alunos assistem às aulas, realizam trabalhos, seminários e exames.

No caso da disciplina a distância, o aluno realiza apenas um exame ao final do período e tem uma única oportunidade de pontuação. Lembrando que tantos os alunos presenciais e os que optam pela distância têm direito às provas finais. Enquanto na UNIRIO podemos optar por apenas três disciplinas à distância em toda a graduação e temos que entregar trabalhos e assistirmos aulas à distância, além de precisarmos ir ao polo com frequência para aplicação de provas, ou seja, existe uma interação entre alunos e professores nas disciplinas a distância da UNIRIO que não existe nas de Coimbra.

Outro dado muito importante a ser levantado devido a inúmeras discussões no corpo discente da UNIRIO é em relação aos estágios. Na UC os alunos podem escolher dois estágios entre as áreas de Psicopedagogia, Educação Especial e Formação de Formadores e Professores; Administração Educacional e Gestão da Educação e da Formação; Educação

Social, Educação de Adultos e Formação Profissional; Tecnologias da Educação e Formação e Ensino a Distância. Os estudantes optam por duas áreas diferentes, uma no primeiro semestre e outra no segundo semestre.

O estágio obrigatório na licenciatura em Coimbra é denominado como UOI (Unidade de Observação e Intervenção) e as UOI I e II incluem trabalho de campo (75 horas), Seminário de Acompanhamento (15 horas) e práticas Laborativas (15 horas). Enquanto na UNIRIO temos cinco estágios obrigatórios com carga horária de 60 horas para o trabalho de campo prático e 15 horas de acompanhamento presencial teórico na Universidade.

Essas são apenas algumas considerações que faço entre os cursos, em termos de estrutura e organização. Porém, para mim as maiores diferenças se encontravam nos modos de interação entre professores e alunos, a amizade, a proximidade, o diálogo aberto, a compreensão e posso até ousar em citar que o carinho entre os membros da UNIRIO foram os que mais me fizeram falta em terras lusitanas.

O pedagogo Mialaret (2002) faz uma definição muito próxima das minhas considerações quando me refiro à pedagogia na UNIRIO:

A pedagogia é uma reflexão sobre as finalidades da educação e uma análise objetiva de suas condições de existência e de funcionamento. Ela está em direção direta com a prática educativa que constitui seu campo de reflexão e análise, sem, todavia, confundir-se com ela (MIALARET, 1991 apud LIBÂNEO, 2002, p. 63).

Seguindo a linha de raciocínio de Libâneo não podemos reduzir a educação a ensino nem pedagogia aos métodos de ensino, a pedagogia é um campo científico que fundamentará a educação. A educação pode ocorrer em diversos ambientes, mas sua finalidade deve ser direcionada a modificar os seres humanos nos estados físicos, social, espiritual, cultural através da transmissão de saberes acumulados, valores, técnicas e atitudes partindo do pressuposto que o homem é um ser inacabado, incompleto que aprende constantemente nas diferentes situações.

Dessa forma, me reconheço na UNIRIO como um ser humano inacabado, tendo exemplos de profissionais da educação que se permitem lapidar e aprender o tempo todo com seus alunos. Com os mestres (não me refiro aos títulos do Lattes) da UNIRIO percebo na pedagogia um ensino que se transforma sem medo de errar, que nunca será dado por

acabado e que se permite a agregar todos os valores e conhecimentos possíveis, que não faz distinções e nem elege por aparências.

## Capítulo 3

### 3.1- Relações com o Intercâmbio

Nesse momento do estudo, realizarei por meio de comparações, descrições e análises centradas nas contribuições do intercâmbio cultural entre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a Universidade de Coimbra (UC) para a formação dos estudantes de pedagogia.

Os dados que serão apresentados, a seguir, foram coletados em dois momentos: o primeiro se refere às experiências dos entrevistados como participantes do intercâmbio na UC. O segundo através do diálogo que realizo por meio das narrativas dos dois estudantes alinhando às minhas conclusões.

O intuito da entrevista é comparar novos olhares e experiências em relação a estudar e morar em Coimbra, facilidades ou dificuldades em morar em outro país, relação com os professores e alunos, moradia, alimentação, custo de vida, entre tantos outros elementos que compõem parte do nosso cotidiano pessoal e acadêmico. Ter outras análises e perspectivas da realidade da qual também estive imersa, fará com que eu talvez veja uma Coimbra a qual não vi, veja a UC de uma forma que não experimentei e possa com essas nuances amadurecer meus pensamentos e refazer minhas críticas. De acordo com Elizeu Clementino de Souza:

Vida e profissão estão imbricadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas e autobiográficas, as quais demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças da sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas (SOUZA, 2011, p.213).

A minha relação narrativa com a escrita e com a dos entrevistados me fará reavaliar minhas experiências. Será feita uma análise formativa, onde poderei refletir e desenvolver minhas críticas construtivas. Essa investigação será um momento de apurar minhas considerações sobre o intercâmbio.

Quadro 1 – Relação de nomes dos participantes da pesquisa

<b>Estudante</b>	<b>Ano do Intercâmbio</b>	<b>Idade Atual</b>
Leonardo Oliveira	Ago 2009 – Ago 2010	29
Luiza Bouzon	Jan- Ago 2015	24

Elaborado pela autora, 2016.

No intuito de entender melhor como foi o intercâmbio dos participantes selecionados na pesquisa, elaborei nove perguntas discursivas para que a partir das respostas obtidas pudesse analisar as relações do estudante brasileiro na Universidade de Coimbra.

### **3.2 – As percepções de Leonardo**

Leonardo inicia relatando que não se candidatou a UC por motivo acadêmico e sim pessoal, mas que quando recebeu a resposta positiva do seu aceite, reformulou seus planos para embarcar com segurança nesse novo projeto, que no decorrer do tempo acabou se tornando cem por cento por finalidade acadêmica. Ele conta que na época a UNIRIO só tinha convênio com as Universidades de Coimbra e do Porto (em Portugal) e ele escolheu Coimbra pelo reconhecimento internacional e pelo “baixo” custo de vida da cidade.

Ele diz que se inscreveu nas matérias do mestrado e da graduação, na graduação suas experiências foram semelhantes ao Brasil, considerando que não há maturidade por parte dos estudantes nas disciplinas. No mestrado, a experiência foi completamente engrandecedora, os professores eram mais próximos e compreensivos, em sua visão, os alunos estavam muito mais entregues as discussões em turmas, tanto portugueses como outros estrangeiros eram amigáveis com ele.

Quando perguntei a ele sobre as semelhanças entre os cursos de Pedagogia ele me respondeu da seguinte forma:

“A imaturidade inicial com relação a responsabilidade pelos estudos na graduação é comum. Não senti falta de nada dentro da UC. A principal diferença é que em Coimbra me pareceu que o estudante é muito mais responsável por si do que aqui. Não fica claro aqui no Brasil que a responsabilidade pelo desenvolvimento acadêmico é do estudante. Acho o estudante brasileiro muito tutelado. Lá por exemplo, todo o material base era em inglês. Fico imaginando como isso seria no Brasil.” (Leonardo)

Também compartilho da mesma visão que o Leonardo, os alunos de Coimbra são muito mais independentes, principalmente em relação à forma de estudar, de fazer os trabalhos, nas aulas nenhum aluno faz perguntas como do tipo “Quantas laudas precisam ter o artigo, professor?”, não existe essa relação e todos sabem o seu lugar e se tiver algum aluno que não saiba quantas páginas deve conter um trabalho, eles pesquisam e chegam a um consenso entre si.

Sobre as facilidades em estudar em Coimbra, Leonardo diz que morar em Coimbra é muito mais fácil, as distâncias são menores, a alimentação é abundante e mais barata, transporte funcional e pontual e biblioteca com acesso fácil. Ele também fala que os professores não são tão calorosos como na UNIRIO, mas conta que as amizades com os estudantes fluíam tranquilamente e que fazer trabalho em grupo era ótimo.

Em relação à moradia, não foi difícil encontrar um lugar sossegado para morar e fazer amigos para dividir o aluguel. Ele menciona uma Comunidade que se encontra na rede social denominada “Brasileiros em Coimbra”. Concordo que realmente você encontra todas as informações que precisa conversando com outras pessoas na página. Todos trocam suas experiências e ajudam de coração aberto ao próximo. Foi nessa comunidade que conheci a Leidiane (estudante de administração em Coimbra) que me ofereceu sua casa para que eu ficasse o tempo que precisasse até encontrar um lugar definitivo.

Sobre os hábitos portugueses, Leonardo se adaptou rápido, claro que sempre estranhamos algumas coisas, como o interruptor do banheiro ser do lado de fora do banheiro (sempre vem um amigo e apaga a luz pensando não ter ninguém e nos deixa no escuro), ter um intervalo no meio do filme no cinema e sobre a forma literal que nos respondem, por exemplo, se você pergunta para algum português se ele conhece a rua “tal”, ele dirá sim provavelmente, mas não dirá como chegar, a menos que você pergunte como chegar. Os portugueses respondem objetivamente o que perguntamos, nada, além disso, o

que nos causa irritação de imediato e depois simplesmente nos acostumados e aprendemos a perguntar de maneira específica.

Para Leonardo o intercâmbio amplia a formação humana e o amadurecimento pessoal e ajuda a construir novos conhecimentos. Eu concordo e ainda costumo dizer que meus seis meses de intercâmbio valeram como três anos de graduação no Brasil, porque a intensidade de experiências que temos “além-mar” é incomensuravelmente mais grandiosa, sair da zona de conforto requer esforço e muito crescimento.

A interculturalidade, como moldura de conexões, é passível de realizar um enriquecimento de saberes, ampliação de horizontes, um alargamento de confins, uma abertura de passagens e códigos culturais uma capacidade de saber viver com os outros, na diversidade e na integração entre as diversidades (NANNI, 2005 apud FEITOSA, 2010, p. 44 e 45).

Leonardo acrescenta ainda que encontrou pessoas abertas a receber o estrangeiro e uma educação mais severa que a do Brasil e que o trouxe conhecimento e se transformara em uma nova pessoa, mais humana e mais crítica, mas que a vontade de aprender sempre esteve constante em sua forma de ver o mundo, estar aberto a todas as coisas facilitou muito seu intercâmbio. Em seu relato ele termina dizendo que “Coimbra é mais bonita na despedida”.

### **3.3 – O olhar de Luiza Bouzon**

Luiza conta que a sua escolha pela Universidade de Coimbra fora pelo prestígio e tradição da mesma, aliada a essa seleção houve conversas com estudantes que já haviam feito intercâmbio para Coimbra, fatos que influenciaram bastante sua decisão. Ela também pensou na possibilidade de ir para a Universidade do Porto, mas iria sozinha, ter outros conhecidos que também estavam indo para Coimbra na mesma época também a impulsionou a ir para Coimbra.

Quando recebeu sua carta de aceite da UC ela pensou “Meu sonho está virando realidade”, porque ir estudar na Europa se tornara um passo realmente imaginável. Suas primeiras impressões quando chegou à Universidade foram:

“Assim que cheguei à UC foi um grande impacto. Tudo muito grande, a arquitetura arcaica. Nas primeiras aulas achei estranho, pois eram mesas enormes, uma atrás da outra. Ninguém vinha falar com você, os portugueses foram extremamente frios. Mas os professores e os assistentes foram bastante acolhedores, deram todo o suporte para me sentir em casa”. (Luiza)

Quando perguntei se ela sentiu falta de algo na UC que era esperado e que havia na UNIRIO, ela mencionou os projetos de pesquisas, ela conta que na época procurou, mas não obteve nenhuma informação muito clara a respeito. Sobre as diferenças entre o curso de Pedagogia na UNIRIO e em Coimbra, ela aponta o fato da graduação em Coimbra não ser destinada a docência como na UNIRIO e a duração dos cursos não serem equivalentes.

Em relação às facilidades em estudar na UC, ela menciona os horários das aulas que são mais flexíveis, como o fato de não ter aula todos os dias da semana e poder ter mais tempo para estudar em casa e a proximidade da Universidade com a moradia, pois não gastávamos nem dez minutos para nos deslocarmos da nossa residência a UC. Luiza também relata as facilidades do InforEstudante, como o portal do aluno da UNIRIO, sendo que no portal da U.C. tínhamos acesso a textos, avisos dos professores, é um portal muito mais funcional.

Sobre o relacionamento com os portugueses, Luiza não teve uma boa convivência, nem na Universidade nem fora dela. Ela menciona que “A convivência com os portugueses não foi a das melhores. Eles têm um pensamento muito arcaico e preconceituoso.” Houve truculência dos portugueses em relação a nós brasileiros, como se eles se sentissem melhores que nós, acreditamos que esse tenha sido o maior impasse.

Quanto às contribuições em sua formação docente, Luiza diz que tem muitas críticas construtivas sobre a forma de ensino e principalmente no modo de avaliar o aluno. Nas relações afetivas, ela conta que fez grandes amigos, esses que ela levará por toda vida. E termina a entrevista enaltecendo um sentimento que é compartilhado por todos que tiveram o privilegio de viver essa experiência: “Uma vez Coimbra para sempre saudade”.

### **3.4 – Dialogando com as entrevistas**

Realizar as entrevistas com o Leonardo e a Luiza foi uma experiência do ponto de

vista pessoal muito feliz e gratificante, pois os conheço de perto e me sinto representada em várias de suas palavras. Do ponto de vista analítico, as percepções deles me mostraram uma Coimbra e uma Universidade da qual não fiz parte e percebi que muitas das experiências são pessoais, um intercâmbio nunca será o mesmo para duas pessoas.

Como por exemplo, eu e Luiza, que fomos ao mesmo período, cursamos duas disciplinas juntas, dividimos o apartamento, tivemos uma relação muito íntima, mas cada uma viveu o intercâmbio de uma maneira e foram em seus relatos que pude apreciar essas diferenças. Minúcias que só percebo agora comparando os relatos dos entrevistados com as minhas percepções.

A escolha do intercâmbio para nós três foram muito diferentes, Leonardo se apaixonou por uma menina que morava na Espanha, Luiza porque ganhou a Bolsa Santander (que a ajudaria a financiar os estudos) e eu porque sempre sonhei em morar fora e aliar essa experiência com a meta acadêmica não poderia ter sido melhor. Mas todos nós escolhemos Coimbra pelo mesmo motivo, pela tradição e pelo “baixo” custo de vida.

Tanto Leonardo como Luiza citou em seus depoimentos que conversaram com outros brasileiros que estudavam ou estudaram em Coimbra e deram todas as informações imagináveis que os ajudaram na decisão da escolha. Digo mais, os estudantes brasileiros não dão apenas simples informações funcionais, eles nos ajudam nas questões burocráticas da viagem, nos hospedam e nos chamam para tomar café, nos apresentam a cidade e se tornam nossos melhores amigos em Coimbra.

“Brasileiros em Coimbra” não é só um grupo no Facebook, é uma família que acolhe, protege e que nos incentiva a ver que nossos sonhos são possíveis sim. A insegurança em partir é grande, mas quando temos depoimentos e ajuda de quem está do outro lado, tudo parece mais prático e mais próximo de se tornar real.

Morar em Coimbra não é nada difícil do ponto de vista prático, para nós três, foi muito fácil arrumar um lar e ter acesso aos lugares e se acostumar com a cidade. Embora o euro seja muito superior a nossa moeda, vivemos em Coimbra com um orçamento menor do que vivemos no Brasil, mas com uma grande diferença: vivemos de forma melhor, com qualidade de vida. Em Coimbra o ar é mais puro, não existe estresse, nem engarrafamento, os portugueses descansam após o almoço, são mais felizes, não vivem sobrecarregados, não são tão consumistas como nós e aprendemos a não ser também quando vivemos ao lado

deles. Comemos bem, dormimos bem, estudamos com qualidade, tomamos muitos cafés da tarde com nossos amigos, viajamos, vivemos uma vida dos sonhos, só que de verdade, o que torna tudo mais bonito.

Em relação ao contato com os portugueses, cada um de nós teve uma vivência diferente. Leonardo disse-me que havia tido um ótimo relacionamento com os alunos, professores do mestrado (principalmente) e um bom convívio com a população em geral. Concordo com o Leonardo que os professores do mestrado são muito mais abertos e atenciosos com os alunos. Luiza, assim como eu, teve dificuldades em se relacionar com os alunos portugueses e com a população em geral, mas disse ter sido muito bem aparada pelos professores e assistentes da graduação. No meu caso, a única professora que foi muito próxima a mim foi à professora Sônia do Mestrado, os demais portugueses não foram amigáveis e nem receptivos.

A formação docente foi um aspecto muito positivo para nossa transformação como estudante e como profissionais da área pedagógica. Concordo com o Leonardo quando ele menciona que na Universidade de Coimbra somos mais independentes, os professores nos tratam como adultos, eles não dizem o que estudar e quando serão os exames, porque todas as informações já estão no InforEstudante e não há nenhuma assistência extra.

Mas a cidade Coimbra também nos torna adultos, pela primeira vez somos donos de si, colocamos em prática toda a educação que recebemos de nossos pais e da vida, aprendemos a fazer escolhas por nós mesmos. Cuidamos do lar, cultivamos amizades, planejamos viagens e passeios e decidimos o que faremos e a hora que faremos. Inegavelmente o Intercâmbio foi uma descoberta prazerosa para todos nós, esperamos voltar em breve, pois o gosto doce do ar e o fado tocando nas vielas estreitas ainda tocam em nossos corações.

## Considerações Finais

Realizar o intercâmbio foi materializar um sonho de adolescente e através da Universidade consegui ter uma oportunidade ímpar na minha vida no âmbito pessoal e acadêmico.

Desenvolver essa pesquisa antes de tudo foi um desejo e uma realização particular. Destaco que por meio dessa pesquisa passei a entender esta experiência e sua importância para a minha formação enquanto profissional da educação e para minha mente, minhas visões de mundo, para mim como indivíduo social pensante. A construção da minha narrativa foi uma das razões pela qual ansiei construir este trabalho, para que Coimbra e tudo que vivi pudesse ser registrado e eternizado em minha escrita.

Eu acredito que em muitos casos é necessário mudar de país, cidade, continente para conhecer a si mesmo, para confrontar-se com suas ideias e valores através da imersão em outras culturas e realidades que não é a nossa, aprendemos muito com estas diversidades.

Quando estamos na nossa zona de conforto, no nosso país, na nossa língua, na nossa casa, costumamos nos fecharmos e não conseguimos realizar essa autoanálise, a autocrítica é um exercício muito difícil de ser feito. Quando experimentamos a cultura do outro no dia a dia, revemos valores e conceitos, mudamos na força.

Essa pesquisa sobre o intercâmbio me proporcionou partilhar com outras pessoas a experiência de morar em outro país na condição de estudante, de conhecer outras práticas e métodos de estudo, outros autores e outros significados para o que é educação e o que é ser educador.

Hoje, quando analiso a prática vivida do intercâmbio, não a vejo de uma forma estética como antes, não se trata simplesmente de uma viagem externa, mas também de uma viagem interna para dentro de si, para o aprimoramento pessoal, cultural, social e intelectual.

Após as entrevistas com os estudantes, pude perceber que houve uma divisão em nossas vidas, que denomino: o antes e o depois de Coimbra. Coimbra nos deixou marcas e sentimentos únicos, depois que vivemos por terras lusitanas jamais nos sentiremos os mesmos. Conforme Jorge Larrosa Bondía:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (BONDIA, 2002, p.21).

A UNIRIO enquanto instituição dedicada à educação e a formação humana deve afirmar cada vez mais a prática do intercâmbio como modalidade educativa fundamental a formação. A Universidade deve alavancar sonhos, nos tirar da obscuridade que vivemos nos permitir desejar e nos propiciar as ferramentas para lutar por nossos projetos e ideais. As Universidades de modo geral deveriam ampliar projetos de pesquisa que levem os estudantes para outros campos, outros países, outras Instituições de Ensino.

## Referências Bibliográficas

- ANASTÁCIO, Thais Pinheiro Zarattini. **Circulação Internacional de Estudantes dos Cursos de Graduação: O caso UNICAMP.** Dissertação de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, SP, 2014.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 nº 19.
- CANDAU, Vera Maria. **Sociedade educação e cultura(s) questões e propostas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- COIMBRA, Universidade. **Regulamento Pedagógico da Universidade de Coimbra.** 2008.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação.** Florianópolis, SC: 2003
- JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas.** São Paulo, SP: Cortez, 2002.
- SÁ, Maria Helena Araújo; Corte-Real, Maria Leonor. **Diálogo Intercultural na Escola Portuguesa Precisa-se!** Diálogos sobre o Vivido. Educação, Sociedade e Culturas, nº41, 149-170, 2014.
- SOUZA, Ane Caroline. **A Experiência do Intercâmbio como Elemento Potencializador na Formação do Pedagogo: Caso UNEB/UNIP.** Salvador, 2010.
- SOUZA, Elizeu Clementino. **Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narra a vida.** Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011.
- UNIRIO, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia (presencial), 2008.**

## Anexo A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

### **INSTRUMENTO DE PESQUISA**

**Prezados colegas Leonardo Oliveira e Luiza Bouzon**

**Estou realizando uma pesquisa de monografia no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A pesquisa trata da minha experiência em estudar na Universidade de Coimbra (UC) e algumas percepções e observações que faço em relação entre a UC e a UNIRIO.**

**A colaboração de vocês é essencial para a qualidade desta pesquisa e organização política dos profissionais da educação em nosso país.**

**Atenciosamente.**

**Daphne Cristin Lewis da Silva**

**Discente da Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO**

As respostas são abertas e podem ser respondidas livremente sem limite de linhas ou palavras.

Agradeço pela colaboração de vocês.

---

Nome: \_\_\_\_\_

**1 – O que motivou você a se candidatar a Universidade de Coimbra (UC)?**

**2 – Você tentou outras Universidades para intercâmbio ou Coimbra foi uma escolha única? Por quê?**

- 3 – Quando teve o aceite da UC como você imaginou que seria estudar em Coimbra?**
- 4 – Faça uma breve comparação da sua expectativa em relação à UC e como foi estudar concretamente na mesma, relatando alguns exemplos de convivência com os alunos, professores, entre outros.**
- 5 – Você sentiu falta de alguma coisa que não tinha na UC? O que era esperado e que você tinha na UNIRIO? Se sim, descreva e comente.**
- 6 – Quais foram as maiores diferenças e semelhanças entre o curso de Pedagogia da UNIRIO e o curso de licenciatura em educação básica/Mestrado em ensino/Mestrado em Ciências da Educação da Universidade de Coimbra?**
- 7 – Houve facilidades em relação a estudar em Coimbra que não ocorre na UNIRIO? Pode-se citar e falar sobre locomoção na Universidade e na cidade, horários de estudos em casa e na Universidade, organização do currículo, estágio curricular, acesso aos materiais didáticos, amizade com professores e alunos entre outros.**
- 8– E a moradia? Como foi encontrar um lugar para morar? Custos, convivência e integração com a cultura portuguesa (comida, hábitos, entre outros). Você chegou a trabalhar (formal ou informal) em Portugal? Caso sim, como foi essa experiência?**
- 9 – Qual é o sentido do intercâmbio na sua formação docente e pessoal, após um semestre em Coimbra? O que marcou para a vida? Como? Para a formação em pedagogia?**